

No francez antigo, notam-se os dous termos:

*Il n'avait vu rien née*  
(*rem natam*)

O notavel destino d'esta periphraise fixou a ultima parte *nada* no portuguez e a primeira *rien* no francez.

Reforços analogos apparecem nas phrases: *Não vi boia* e no antigo *nemmigalha*.

Notem-se os seguintes usos:

a) Exprime-se a negação por *sem* com o infinito:

Foi *sem* se despedir.

Este uso é de certo puro e vernaculo. Nos seculos XIV e XV essa syntaxe era mais geral. A preposição *sem* pedia servir de negativa ao gerundio.

E isso anda exemplificado largamente na *Chronica* de Fernão Lopez:

"De guisa que fugiram todos, *sem curando*, de levar coisa alguma." — 296.

"Responderam todos dos que presentes eram, dizendo que de todo e que lhe dissera lhes aprazia muito e que assi o entendiam de fazer *sem* lhe declarando, porém, o Conde, que terra haviam de leva." (11, pag. 45.)

b) *Nunca* e *jámais*, *nada*, não só formam a negativa com o verbo, mas com os nomes:

mares *nunca* d'antes navegados...  
segredos *nunca* sabidos  
historias *nada* edificantes  
*jámais* segredos.  
uma choça, *nunca* uma casa.

c) E' tão da indole da negativa o reforço, que ella não deve ser enfraquecida pela omissão d'aquelle. Per isso, concorrendo muitos verbos ou nomes, estes repetem a negativa:

*Sem* talento e *sem* gloria.  
*Sem* querer *nem* poder.  
*Não* quero, *não* devo, *não* posso.

d) Para exprimir a negativa dos nomes, se não cabe o uso de prefixos usuaes (*in, an, des, etc.*), forma-se a negativa com *sem* ou *não*. São de uso os seguintes:

Não conformismo.  
Sem razão.  
Sem sabôr.

O uso de *não* é o unico de emprego natural, mas é sempre preferivel qualquer prefixo. *Inverdade, desamor, acatholico.*

e) A negativa serve para exprimir com modestia qualquer epitheto: "Este livro, *não indigno* do favor publico". Aqui, *não indigno* vale menos que *digno*.

Neste exemplo ha duas negativas, *não* e *in* (prefixo), que, entretanto, não equivalem exactamente ao positivo, mas d'elle se approximam.

A mesma maneira de exprimir affirmação com modestia depara-se no uso de *sem* e *não* conjunctamente, ou *que não* entre substantivos:

"Vivo, *não sem* difficuldade."

"A *riqueza, que não a* miseria, poderia offendel-o.

f) Como no exemplo precedente, duas negativas das quaes uma *indirecta* (isto é, não expressa por não ou nada, nunca, etc.) formam de facto uma affirmativa, embora fraca:

*Não* deve *deixar* de ir (=deve ir).

*Não* ignora (=sabe).

*Não* é *desfavor* (=é favor).

Assim, na locução *nem todos*, não se nega *todos*, mas excluem-se *alguns*.

g) *Tão pouco* é correlato de *não* e *nem* e tem sentido negativo:

*Não* falou, *tão pouco* escreveu.

..... *nem tão pouco* escreveu.

h) Com o verbo *negar*, no portuguez (como no espanhol), deve repetir-se em segunda proposição a negativa:

*No niego* que *no pudiese* hacerlo.

*Não* nego que *não* podesse fazel-o.

*Não* nego que *não* estivesse (e não: — *não nego* que *estivesse*, como por ali se encontra escripto).

i) Uso elegantissimo da negativa é o de exprimir-se por ella um facto desejado e agradavel á alma:

“*Que doce não era a vida  
No roseo albor da existencia.*”

f) Ajunte-se que ainda é possível exprimir a *negativa* por uma phrase affirmativa, que se constróe com o verbo no futuro:

Bem *por nascer* está quem vos mereça.

Camões — Son. 27.

Tanto assim é que, quando se indica o lapso de tempo discorrido, com o *presente* se exprime o periodo exacto; e com o *futuro*, periodo approximativo ou incerto. Vieira, nas suas *Cartas* (2<sup>a</sup> do tomo II), escreveu:

“*Haverá* quatorze mezes que continúa a missão pelo corpo e braços d'aquelles rios...”

*Haverá* e não *ha*, porque não determina periodo exacto e apenas approximativo. Recorde-se o que já dissemos a proposito da syntaxe dos *tempos* e *modos* dos verbos. O futuro indica uma cousa problematica e por isso inferior ou menos segura. Assim, disse Castilho nas *Sabichonas*, pag. 6: “*Será* melhor, *será*; eu gosto do peor”.

k) A duvida expressa-se geralmente pelas palavras: *acaso*, *porventura*, *talvez* e estas podem reclamar o subjunctivo ou o indicativo do verbo:

Talvez *está* doente.  
Talvez *esteja* doente.  
Talvez *queria* ausentar-se  
(ou *quizesse*...)

Percebe-se um matiz de sentido que é mais affirmativo no primeiro caso, porque o subjunctivo sendo hypothetico torna a duvida mais forte ou intensa:

l) A negativa como resposta e assim também affirmativa expressam-se pelas palavras *não* e *sim*; comtudo se é resposta a pessoa de consideração ou respeito, seria indelicadeza não ajuntar o tratamento:

Sim, *senhor*; *senhor*, sim; sim, *meu senhor*.

Não, *senhor*, etc.

Não, meu amigo; sim, capitão.

m) "N'alguns casos (communica-me o autorizado Mario Barreto), especialmente na lingua antiga, proposições substantivas ou subordinadas podem ter uma negação redundante. Isto acontece, por exemplo, em proposições objectivas, dependentes de expressões de temor, dúvida, suspeita, impedimento:

Olhai cá, anjo de bem,  
Eu como cousa perdida,  
Nunca me tolhe ninguém  
Que não ganhe minha vida,  
Como quem vida não tem.

(GIL VICENTE, *Obras*, t. 1º, pág. 157, edição de 1852.)

Para estorvar que a armada não chegasse  
Aonde pera sempre se acabasse.

(Cam., *Lus.*, II, 19.)"

## 5. — MODO, QUALIDADE E TEMPO

Os adverbios em *mente*, quando occorrem juntos, perdem, excepto o ultimo, aquella terminação. Ex.: Discorreu larga e *profundamente*.

E' esse uso classico. No emtanto, hoje em dia se vae generalizando, talvez por influencia franceza, o uso de conservar as terminações: Discorreu *sabiamente*, *largamente*, *profundamente*. (1)

— Nos escriptores modernos occorre por vezes a extranha inversão — *de quando em vez* — contra o uso antigo e moderno de — *de vez em quando*:

---

(1) A proposito dessa classe de adverbios, escreve-nos Firmino Costa, nosso precioso collaborador:

"O adverbio *boamente* é usado já sem preposição, já com ella: "Não pedem aos mercadores mais que aquillo que elles *boamente* lhes querem dar." Fernão Mendez Pinto, *Livraria classica*, II, 80. "Padece de *boamente*, e padecerás menos." Bernardes, *Exercícios Espirituaes*, II, 622. "Outro tanto digo das demarcações feitas á *boamente*." Castilho, *Colloquios ardeões* 385."

“Apenas de *quando em vez* se contava que elle vendera mais um campo.”

“Serás fiel á tua mulher, leval-a-ás ao circo de *quando em vez*.”

São esses exemplos do linguajar popular contemporaneo reproduzido em romances de Camillo. (1)

## 6. — PREPOSIÇÕES

As preposições muitas vezes derivam de participios que se tornam momentaneamente invariaveis: *salvo*, *excepto*, *durante*, etc. Póde-se, comtudo, dizer: *salvos* os motivos, *exceptas* as razões. (2)

(1) Os exemplos citados foram colhidos por P. A. Pinto Nota de *Advocacia grammatical* — 203

(2) Exemplos classicos que transcrevo do eruditissimo Ruy Barbosa, na sua *Replica*:

“Tudo chegou a salvamento, *exceptas* as partes liquidas.”  
VIEIRA: *Cartas*, I, p. 167.)

“Todos os portuguezes fazem o mesmo, *exceptos* os mais ricos” *Ib.*, pag. 245.)

“Vossa senhoria se sirva de me restituir estes papeis, porque tenho promettido a communicação d’elles a algum amigo, *exceptas* as cartas do marquez de Marialva.” (*Ib.*, II, pag. 36.)

“*Excepta* a carta de sua alteza, esta é a unica que escrevo a Portugal.” (*Ib.*, III, p. 1.)

“Com senhorio absoluto de todas as coisas creadas, *excepta* sómente uma arvore.” (VIEIRA: *Sermões*, I, p. 73.)

“Tudo o que o seu odio, sua astucia e maldade julgasse conveniente para o vencer, *excepta* sómente a vida do mesmo Job.” (*Ib.*, p. 198.)

“Na grande provincia de Hollanda, *excepta* Dorth, por isso chamada virgem, nenhuma cidade houve, que não fosse conquistada.” (*Ib.*, p. 154.)

“*Exceptas* algumas auctoridades.” (BERNARDEZ: *N. Flor.*, II, p. 3.)

“*Excepta* uma, que estava á porta de um cidadão.” (*Ib.*, p. 91.)

Não me parece, pois, que tenha razão o illustre sr. CANDIDO DE FIGUEIREDO em recusar foros de portuguez ao adjectivo *excepto*. (*Lições*, v. I, p. 97-8.) Os latinos tinham o adjectivo *exceptus*, e a auctoridade de escriptores como VIEIRA e BERNARDEZ lhe legitima de sobra a adopção portugueza.)

a) Alguns permanecem variáveis por não estarem assim consagrados pelo uso. Por exemplo: *visto*, *posto*, *supposto*, etc.

*Vistos* os autos.  
*Postas* as razões, etc.

A locução *haja vista* deve normalmente construir-se com preposição *a*:

*Haja vista* aos antigos livros,

mas já se tem generalizado o costume de considerar *visto* como adjectivo, dizendo-se:

*Haja vistos* os livros,

o que só se pôde explicar pela confusão de *vista* (*subst.* e *vista* ou *visto* (participio)).

b) Dos participios em *ante* que se tornaram preposições, notemos que eram muito frequentes na lingua antiga e classica:

O rei *embargante*, etc.  
Isto *não obstante*.

Vinha nestes casos posposto. O castelhano diz: Dios *mediante*, por meio de Deus, com a ajuda de Deus.

c) Cumpre notar que as preposições compostas de *de* em geral pedem depois de si nova preposição, ao contrario do que succede com as preposições não compostas d'esse elemento:

Ante Deus.  
Diante *de* Deus.  
Após a chuva.  
Depois *da* chuva.  
Tras o bando.  
Detras *do* bando.

“*Traz* este vem Noronha.” (*Lus.*, X, 62.)

A disciplina d'esse uso tornou-o indispensavel nos escriptos classicos de maior pureza. Mas, no periodo antigo da lingua ha exemplos viciosos:

“Aquelle que empuxou diante a presença de seu coração o diabo malicioso.” R. de S. Bento.

E' do seculo XIII.

---

No Livro de Linhagens do Coll. dos Nobres (*Port. Mon. Hist.*) é frequente o uso de *depois* sem a preposição *de*:

Os Reys que depois *el* veeram.

E no mesmo documento:

Maria foy virgem *ante* parto e *depos* parto.

d) A preposição vem sempre seguida do complemento: de *casa*; para *casa*.

No seculo XIX, em portuguez, como já se notou tambem no castelhano, alguns escriptores buscaram introduzir o anglicismo do emprego da preposição sem complemento immediato: viver *para* e *pela* patria; vindo *da* e mandado *pela* França.

Esta syntaxe parece não se conformar com a indole da lingua. Encontram-se, todavia, alguns exemplos, sem demasia e acaso elegantes.

e) *Per* e *por* eram preposições distinctas entre os antigos, e assim *pelo* e *polo*; uma significava o instrumento (*per*); outra, o proveito ou occasião (*pro*, lat.). Por isso a phrase: “*Polo* peccado do homem veio o filho de Deus ao mundo”. Isto é, por ter peccado o homem, por occasião d'isso — é phrase orthodoxa e intelligivel. Ao passo que “*Pelo* peccado (por meio do peccado) do homem veio Deus ao mundo” — é phrase heretica e absurda.

As vantagens d'essa subtiliza perderam-se com a confusão de *pro* e *per* na fórmula unica *por*. (1)

---

(1) Vide Ferreira Junior, *Gramm.* 102.

e) **Sobre** tem uso determinado desde o antigo portuguez. Deixou de existir a fôrma *sabolo* por *sobre lo* (sobre o) que por muito harmoniosa quiz perpetua-a Camões:

*Sabolos* rios que vão  
Por *Babylonia* me achei.

Com o sentido de vizinhança, approximação ou tendencia nota-se em: *sobre* a noite (ao anoitecer), *sobre* azul (tirante a azul).

— Não é raro a confusão de *sob* e *sobre* ainda que as particulas tenham sentido opposto. Em expressão, aliás de origem franceza, ha as variantes: *sobre* o ponto de vista e *sob* o ponto de vista. O melhor é dizer: *no* ponto de vista.

f) **Des** (*de-ex*), como composta de *de*, deve ter o complemento:

*Des de Roma até Paris.*

Apezar d'isto, usa-se a fôrma contracta frequentemente sem preposição, quando se segue *que*: *des* que o vi ou *desde* que o vi:

"Coitado do velho *desque* o souber." Ant. Ferreira,  
*Bristo*, sc. II.

g) **De** — exprime frequentes vezes relação de modo e de maneira: *de* manhoso, *de* geitoso, *de* preguiçoso; *de* pé, *de* joelhos, *de* côcoras.

Antigamente dizia-se *em joelhos* (Barros, I, IV, 4), *em côcoras* (II, V, 2), *em calças* (II, I, 6), *em gibão* (id.). Ainda hoje dizemos: *em* camisa, *em* ceroulas, *em* pé.

— Note-se o uso actual: *cem de* ti = *cem* como tu:

"Nem *cem de* ti os romperiam." Castilho, *Excav.* 138.

E' digno de nota o *dê* accentuado por desviação da tónica na phrase interrogativa:

*Que dê* o homem?

locução que se decompõe em — *que é feito do homem* = *que é do homem* = *quêde o homem*; ou com deslocação da tónica: *quêde o homem?*

h) **A**. — Indica relação de muitas especies: *a* Roma; *morrer a* fome; *util á* sociedade.



— E' syntaxe autorizada, e ainda hoje popular, a do por exemplo:

Se eu fosse *a elle* (fosse elle)  
(entende-se: igual a elle).

Curar-me-ia s'a vós fosse  
(se fosse vós)

Chiado — *Auto das Regateiras* — (apud.  
Epiphanio).

— Na syntaxe archaica apparece a preposição *a* em precedencia de varias outras: *a conforme*, *a segundo*; como hoje em *acerca*, *acima*, etc.

A *proximidade* expressa por *a* pôde confundir-se com o logar exacto e definido:

*mera é rua Aurea!*

A razão é que *rua*, *praça*, não são pontos exactos, mas extensões indeterminadas. Assim diz-se: *ao norte*; *a léste*.

Apoiar-se, arrimar-se *á parede*.

A preposição *a* do seculo XVI em muitos empregos foi substituida por *para com*. Eis a regencia de alguns adjectivos, como se vê da *Grammatica* de João de Barros:

Manso *aos humildes*.

Cruel *aos fortes*.

Irascivel *aos timidos*.

Hoje se diz: *manso para com os humildes*, etc. Ainda alguns adjectivos verbaes conservam a regencia: *inutil ao homem*, etc.

i) **Para** (per+*a*) indica direcção mais remota e definitiva que *a*. Comparem-se:

Ir *a Europa*. Ir *para a Europa*.

Pelo mesmo motivo diz-se: "Guardei *para a velhice*" exprimindo o maximo do tempo; e com sentido de indeterminação: *para vinte pessoas*; quinze *para vinte annos*. (1)

---

(1) A prosodia é *p'ra* de *pera*, forma antiga e etymologica de *para* (*per-ad*). A proposito do verso dos *Lusiadas*:

As (armas) que elle *pera si na Cruz tomou*. (I. est. 7.)

Diz Candido de Figueiredo: "Não é ocioso advertir que a preposição antiga *pera*, e a moderna *para*, são proclíticas, isto é.

j) **Contra**, no sentido originario de *de frente*, em *directão*, é muito usual na lingua. Eis a syntaxe antiga:

“E tornou o rosto contra hu vinham os christãos.”

“El-rei Almofadem disse muyta alta voz, os olhos *contra* o céu.” *Livro de Linh. do Coll. dos Nobres.*

Ainda exemplos similares se encontrãem nos classicos:

Começou a dizer vindo contra mim.

B. Ribeiro, *Menina e moça*, Cap. II.

k) **Sómente**, no século XVI, era preposição e equivalia a *excepto*, como se vê constantemente em Barros:

“Salvaram-se todos os malabares, *sómente* tres ou quatro.” (III, I, 4.)

“Vendo que nenhuma cousa havia para a cal, *sómente* a ostra.” (III, II, 2.)

l) **Senão** tinha a equivalencia de *excepto*:

Sossobrou o esquite e todos se salvaram, *senão* elles. Barros (II, VIII, 6).

---

não têm acentuação própria e, com a palavra que antecedem, parecem formar uma só palavra: *para-nós*, *para-ti*, *para-tudo*, etc. E, assim, nem o *e* da preposição *pera* é fechado, como na *pêra* (fruta), mas surdo, como na última sílaba de *cidade*; nem o primeiro *a* da preposição *para* é aberto, como no verbo *pára*; de maneira que, na pronúncia vulgar, chega a desaparecer o *e* de *pera* e o primeiro *a* de *para*, formando-se a sinalefa *p'ra*: “veio *p'ra* Portugal.”

A elisão do *e* de *pera* tem toda a analogia com a elisão corrente do segundo *e* de *esperança*, que geralmente pronunciamos *esprança*, e tão correntes são essas elisões, que eu, do melhor grado, escreveria *pra* e *esprança*, sem apóstrofo, que em grafia portuguesa, é uma das mais inúteis invenções modernas, copiada dos figurinos franceses.” (C. Figueiredo — *Lingu. de Camões*).

m) Em antigamente servia ao logar para *onde* como em francez. Exemplos classicos são:

Passou em Italia (Barros). Se determinou do sahir em terra (F. Mendez Pinto).

Este uso persiste ainda nas expressões: de logar em logar; de cidade em cidade.

➤ n) Dentro de e dentro em são de igual uso, ainda que a segunda expressão seja mais frequente nos antigos:

Vasa dentro na pansa. — Diniz, *Hyss.*, 1, 246.

Compaixão dentro n'alma sente. — Mal. Conquist., I, 19.

E' mais vulgar dizer-se hoje *dentro de*; entretanto se diz — dentro em breve.

o) Com. Omittte-se ás vezes elegantemente, como o fez Camões:

Não acabava quando uma figura  
Se nos mostra no ar...  
O rosto carregado, a barba esqualida,  
Os olhos encovados e a postura  
Medonha e má.

Outras vezes, com a intenção de emphase, ha repetição:

“Vedes aqui como se gastam muitas vezes os bens da Igreja, as commendas da cavalleria com alcoviteiros, com chocarreiros, com cães, com doidos.”  
Ferreira, *Bristo*, sc. I. (Acto II.)

p) As preposições regem obviamente as formas obliquas dos pronomes: ante *mim*, contra *ti*, de *mim*, sem *ti*, etc.

Notem-se os exemplos classicos (registrados na *Gramm.* de Moraes):

Vereis um eu (*Ulispo*, 5, sc. 6).

O que com outro eu somente ousara (Ferreira, *Carta* 4).

Após mi não ha (tem) outro mi (*Menina e Moça*, I, c. 18).

Notamos já nos comparativos: melhor que *ti*, etc.

q) Até é preposição: *até o fim, até o cabo ou até ao cabo*. Entretanto usa-se como *advérbio* nos casos semelhante a esse:

*Até os animaes teem sentimento.*

r) São de Mario Barreto as seguintes e sabias reflexões: “Pode um adjectivo ser termo de uma preposição?”

Satisfaremos a esta pergunta, devendo dar naturalmente por descontados os casos em que o adjectivo perdeu o seu carácter próprio pela substantivação. As frases: *Contam-no entre os sábios. A casa da minha vizinha não têm nada extraordinário. Sofia veste-se de branco* corresponde à substantivação dos adjectivos de cores. Nentro substantivo há igualmente em *por certo, de-certo, e naturalmente em por tanto, por que?*, etc.

A combinação de um adjectivo com uma preposição é em si anormal e os casos em que se acha em português um verdadeiro adjectivo variável depois de preposição, explicam-se geralmente pela omissão de um verbo attributivo (*ser, estar, etc.*), ou pela fusão da construcção do adjectivo com a de substantivos no mesmo lugar. *O pai castigou a filha por ser preguiçosa* é construcção que se deve à mesclia de “*por ela ser preguiçosa*” com “*pela sua preguiça*”. Aqui estão outros exemplos de *por* com um adjectivo para indicar o motivo em virtude do qual uma acção acontece ou não se realiza: “Vingaremos rëgiamente nos Moiros de Santarém essas injúrias, e a nossa vingança lembrará, *por espantosa*, até ao fim dos tempos”. (Castilho, *Quadros Hist.*, vol. II, n. 102.) — “...que semelhante vida lhe desagradava *por monótona*.” (Camillo, *O regicida*, cap. I, p. 11.) — E’ uma das melhores composições neste género. *Por extensa* a não traslado. (In., *O judeu*, vol. II, 4.<sup>a</sup> parte, cap. IV, p. 168.) — Íramos da mesma idade, estudávamos medicina, com a diferença que eu repetia o terceiro ano, que perdera, *por vadio*.” (Machado de Assis, *Páginas recolhidas*, p. 58.)

Construcções parecidas são *acusar de negligente, acusei-a de altiva, acusaram-na de ingrata, acusa-me de aleivoso, jactar-se de valente, presumir de formosa, capitularam-na de douda, repreendiam-no de pródigo, etc.* — *Depois de morto, antes de nascido* estão debaixo da pressão de *depois da morte, depois de ser morto, depois de morrer.* — *Depois de declarada a guerra = depois da declaração*, e a cláusula absoluta *declarada a guerra.* — *Estas histórias não são para con-*

*tadas* = *para serem contadas, para se contarem*. Esta perífrase de *para* com o particípio passado, substituindo o particípio de futuro passivo, é usualíssima no português clássico. Nos *Lusiadas*, cant. X, est. 152, temos *pera mandados*, abreviação de *para serem mandados*:

Fazei, senhor, que nunca os admirados  
Alemães, Galos, Itálos e Ingleses  
Possam dizer que, são pera mandados,  
Mais que pera mandar, os Portugueses.

“A verdadeira qualidade expressa por adjectivo não admite o regime de uma preposição; o termo normal é sempre um conceito substantivo.

A preposição vai sempre com um substantivo ou palavra substantivada, porque o termo da relação é a substância.

E' certo que muitos advérbios podem levar preposição; mas neste caso a preposição não modifica o advérbio, mas o substantivo. Ponhamos exemplos. O advérbio *ali* significa *naquele lugar*; *quando* é *em que tempo*; *agora* vale *nesta hora*. Juntemos-lhe uma preposição: *Por ali* é *por aquele lugar*; *até quando* vale *até que tempo*; *desde agora* resolve-se em *desde esta hora*.”

r) Acerca das conjunções, releia-se a primeira parte. (1)

---

(1) A conjunção *mas* tomou o sentido de adversativa, mas originariamente era reiterativa: *magis* accrescentava, sem contradizer. Por isso mesmo, nas expressões *não só... mas também* e outras, equivale exactamente a *mais*, e talvez assim é que se devera nesses casos orthographal-a.

Não sendo de todo *adversativa*, é fácil que a deparemos conjunctamente com *porém*, nos escriptores da idade classica:

*Mas porém* quando as gentes mauritanas

Dizia Camões, nos *Lus*, III 99.

*Mas porém* vou dar a Alcmena

Estas novas que me destes.

*Auto dos Amph*, I, sc. V.

Senhor, grande: *mas porém*

Se a tal é virtuosa.

*Auto d'el-rei Seleuco*, I.

E Castilho (Sonho de uma noite de S. João, pag. 21) e quasi todos d'entre os antigos.

## Observações esparsas

As particulas e palavras invariaveis offerecem usos es-  
peciaes, idiomáticos de interesse no estudo da syntaxe.

**Como que** — inclue o pensamento de que o facto não é  
de todo certo, mas plausivel:

*Como que* te rias naquelle momento.

Esteve *como que humilhado* ao ouvir tão cruas  
palavras.

Os francezes traduzem expressão tal com a phrase — *on  
dirait que...* E', pois, de natureza affirmativa, mas sem de-  
cisão.

**Que** — A difficuldade do — *que* — seja pronome, adje-  
tivo ou particula, comquanto apreciavel, não obsta a que se  
supprima em varios casos:

Desejo estejas com saúde  
ou — *que* estejas com saúde.

Com o sentido de optativo ou imperativo, tambem é de  
elegancia supprimil-a:

(Que) Deus se compadeça do desgraçado!  
(Que) venha o perdão!

— Tambem se entende, por analyse, em phrases que se  
constroem com o *infinito pessoal*:

Creio *seres* o unico que o sabe  
(= *que és* o unico).

Isso deriva do *infinito pessoal*, que era de facto um tempo  
do subjunctivo nas suas origens.

— Expressa vagamente a disjunctiva nas locuções:

Elle conhece *uma que outra* pessoa  
(*uma* ou *outra*).

Com a negativa a phrase corresponde affirmativa abso-  
luta:

Deus *que não* o homem é todo poderoso.

— E' que, em phrase intercalada, constitue não pequena difficuldade de analyse:

Os homens *é que* devem fazer certos misteres.  
As mulheres *é que* queriam o direito do voto.

Este — *é que* — é uma oração sem sujeito ou com o sujeito indeterminado *elle* (*elle é que*) e se se quer iniciar a phrase ha de construir de modo inteiramente diverso:

São os homens que devem fazer...  
Eram as mulheres que queriam... (1)

---

(1) Não concordamos com os que mandam em analyse, supprimir este — *é que* nem com os que a substituem para *é certo que*, pois que em ambos os casos haveria offensa ao verdadeiro sentido da expressão, que é essencialmente synthetica e indecomponivel.

---

## IX

### Difficuldades de concordancia

As grandes difficuldades que realmente existem na syntaxe de concordancia, resultam de que nem sempre os factos observados se acham de accôrdo com os principios geraes da logica commum. E até se deve ajuntar que a secca e rispida *concordancia logica* não offerece a elegancia, a euphonia e a variedade dos usos e estylos da linguagem viva.

Os principios logicos *meramente de grammatica geral*, que se referem á concordancia do verbo com o sujeito, e do adjectivo com o substantivo, são os tres seguintes e bem conhecidos:

1.º *Dous ou mais sujeitos equivalem a um sujeito do plural.* Pedro e Antonio estão doentes.

2.º *Dous ou mais substantivos de diferentes generos equivalem a um substantivo masculino do plural.* A gloria e o saber são cobigados.

3.º *Em concurrencia de varias pessoas, a segunda é preferida á terceira e a primeira a todas ás outras.* Tu e Pedro não dormistes. Pedro e eu não dormimos.

Já tratamos d'esses casos e das principaes excepções na syntaxe das partes da Proposição. Cuidadosamente as deve reler o leitor. A excepção maior para aquellas regras logicas é a de que os classicos, por evitar a monotonia d'ellas, frequentes vezes fizeram o verbo concordar apenas com o primeiro de muitos sujeitos, quando estes se pospõem ao mesmo verbo. Seria escusado dar exemplos que são innumerados entre todos os escriptores de nota.

As tres regras logicas de *grammatica geral*, applicaveis a todas as linguas cultas, servem de recurso pratico ao principiante ou ao novel escriptor. A vernaculidade, porém, e o bom



estilo dos classicos mostram que são illusorias e não raro contrarias ao genio da lingua viva, falada ou escripta. (1)

A. Quando duas idéas formam collectivamente uma noção unica, os nomes que as exprimem equivalem a um substantivo singular. Taes são os casos de idéas gêmeas, como *fluxo e refluxo, um e outro, etc.* Ex.:

O bem e o mal conhece-se nas cousas em que consiste.  
(J. Vasc., *Eufros.*, fol. 2.) (2)

---

(1) A respeito de *concordancia*, leia-se a annotação 160 da minha *Selecta Classica*. Grande subsidio para este capitulo devemos á *Gramm. Castelhana* de Andres Bello, annotada por R. Cuervo. Ajuntamos algumas illustrações do latim, lingua em que ha identicas occurrencias.

(2) Exemplos que resalta melhor na expressão *um e outro*. A respeito de *um e outro* communica-me Firmino Costa os exemplos de Castilho, *Fastos*, III, 19:

“Porque *um e outro* as portas nos *defendem*  
A seu dono *um e outro* e *guarda e ama*.

.....  
*Um e outro* é sagaz e presentido;  
*Um e outro* aos ladrões *declararam guerra*.”

Nos exemplos acima registrados e nos que se seguem, sem embargo de exemplificações classicas portuguezas, tomamos por norma e modelo a *Grammatica castelhana* de Andres Bello, como já foi indicado nas primeiras edições deste livro.

Outras *idéas-gêmeas* se apresentam, que se podem offerecer com identica syntaxe, como *mar e céu, dia e noite, verso e rima*. (*Lus.* V. 97).

Ainda Camões escreveu no XLV Soneto (que começa *Por os raros extremos...*)

A vós seu resplendor *deu* sol e lua,  
A vós com viva luz, graça e pureza,  
*Ar, fogo, terra e agua* nos *serviu*.

Certo é que para taes ousadias só quando se tem auctoridade.

Nos casos em que se indicar a *unidade* é mais uma fracção, parece melhor conservar a *concordancia* no singular:

“*Um e meio* basta.” Esta é a regra mais geralmente seguida.

B. Quando se usam etymologicamente fórmulas neutras como sujeitos, é admissível a concordância no singular:

*Isto é o que vejo depois, trouxe esperança aos naufragos.*

C. Os infinitos, substantivamente como sujeitos, representam fórmulas neutras, e por isso seguem a regra antecedente:

*Comer, andar e dormir é proveitoso á saúde.*

*Peccar e emmudecer e cair na enfermidade. (Vieira, Sermões, I, 125.)*

*Inquirir... e ordenar toca a quem governa. (Floresta, V, 153.) (ap. F. Costa.)*

*“E assi os feitos heroicos d’este rei incomparavel (Alfonso Henriques) e o destroçar tantos reis mouros com poucos christãos, não se deve attribuir a forças humanas.”*

Usando do artigo, é preferível a concordância lógica:

*O comer, o andar e o dormir são proveitosos á saúde. (1)*

D. As proposições subordinadas pelo annunciativo *que* concordam em singular:

*Não é admissível que o crime seja commettido e que o criminoso viva impune.*

*Que Socrates nada escreveu, e que Platão expoz as doutrinas de Socrates, é sabido.*

---

(1) Em Camões ha uma concordância notavel de um só infinitivo sujeito com o verbo no plural:

*Viam-se em derredor ferver as praias.*

*Lus. II, 98*

É evidente que o nome *praias* determinou o plural do verbo. Confirma a regra maior a concordância no singular com dous infinitivos, como se encontra na Carta I do mesmo poeta:

*“Salvam-se com dizer que se não podem fazer tantas cousas, como é prometer e dar”.*

Era assim que se dizia no latim classico: *Et monere et moneri proprium est veræ amicitiae* (é proprio de amizade verdadeira avisar e ser avisado — Cicero).

E. As excepções ou regras B. C. D. são violadas quando o attributo da proposição exprime reciprocidade:

*Isto* e o que Victor escreveu, não estão de accordo.

*Dormir* e *aprender* são cousas incompatíveis.

*Que* o homem seja livre e *que* seja igualmente escravo, *repugnam*.

F. O verbo, quando precede a varios sujeitos do singular — pôde, com parco e discreto uso, ficar no singular:

*Veio a chuva*, o trovão e a tempestade.

Excepto quando os sujeitos são pessoas:

*Vieram* Julio e Antonio.

Pôde-se usar, todavia, a concordancia do singular, intercalando algumas palavras que designam qualquer circumstancia:

*Veio* Julio e logo depois Antonio. (1)

G. Quando o verbo está collocado entre varios sujeitos, o que é raro, a concordancia se faz com o sujeito com o qual se expressa o verbo. Ex.:

A *causa* da religião nos *leva*, e a do nosso rei, a conquistar regiões desconhecidas.

H. O adjectivo que especifica a varios substantivos singulares precedentes, todos do mesmo genero, deve ir para o plural: *Ambição* e *ousadia imperdoaveis*. Quando os substantivos são de generos differentes, ha concordancia logica ou concorda com o ultimo:

talento e habilidade raros;

talento e habilidade rara.

---

(1) Era uso tambem no latim como em C. Nepos: *Thrasibulus contemptus est tyrannis*, atque ejus solitudo (Thrasibulo e o seu isolamento eram odiados pelos tyrannos.)

A concordancia logica é preferivel, collocando proxima ao adjectivo uma palayra masculina:

habilidade e talento *raros*. (2)

Se, porém, os substantivos são do plural, o adjectivo sempre concorda com o ultimo substantivo:

talentos e habilidades *raras*,  
e não: *raros*.

De modo que a melhor concordancia é aquella que se realiza com as ultimas palavras:

(*habilidade rara; habilidades raras*)

I. Quando os nomes de titulos são femininos, é de rigor a concordancia por syllepse. Ex.:

V. Excellencia está *enganado*. S. Majestade estava *enfermo*.

Exceptua-se o caso em que o adjectivo faça parte do titulo:

S. Majestade *Catholica, S. M. Fidelissima*.

J. Quando occorrer um colectivo do singular modificado por um complemento regido de *de*, o verbo vae para o plural:

*Nasceram-lhe pelo corpo uma especie de ulceras.*  
*Parte dos prisioneiros foram massacrados.*  
*Um numero consideravel de indios pereceram.*

E' a melhor concordancia e a mais seguida. Com *cada um* o verbo fica no singular, mas ha muitos exemplos classicos em contrario:

"*Tiraram dos surrões cada um uma carta da pastora.*" (Rodr. Lobo — *Pastor peregrino*, Jornada II, pag. 21.)

---

(2) Assim o fazia o latim: *Viri, foeminae, mancipia bello capti* (Homens, mulheres e escravos, aprisionados na guerra — Tito Livio).